

# MÉTODOS CONTEMPORÂNEOS DE INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

*Elias Brasil de Souza*

Mestre em Teologia. Professor de Antigo Testamento e Hebraico no SALT-IAENE.

No final do século XX, os cristãos em geral, e os protestantes em particular, enfrentamos tremendos desafios no campo da interpretação da Bíblia. O mundo acadêmico tem oferecido múltiplas opções metodológicas para a compreensão das Escrituras. Contudo quase todos estes métodos têm suas pressuposições fundamentadas no iluminismo e no deísmo, movimentos filosóficos que floresceram, especialmente na Europa, a partir do século XVII.<sup>1</sup>

Estas filosofias propagaram uma visão naturalista e evolucionista da realidade, na qual Deus passou a ser visto como um ser distante e desinteressado das coisas do mundo, na melhor das hipóteses o “relojeiro” que faz o relógio e o abandona para que funcione por si mesmo. Toda a realidade passa a ser vista, avaliada e determinada a partir do homem. A cosmovisão teocêntrica de épocas passadas torna-se antropocêntrica, exercendo impacto sobre todas as áreas do conhecimento humano. Nas ciências naturais surgiu a teoria da evolução difundida por Charles Darwin; nas artes houve uma perda das estruturas; a organização que marcava a pintura foi substituída por riscos, traços e manchas sem sentido; a música também sofre perda da harmonia, para ceder lugar a ruído e barulho. Em suas formas de expressar e compreender a realidade o homem demonstra que perdeu seus pontos de referência.<sup>2</sup>

A Bíblia, não ficou imune a esta mudança de paradigmas. Os teólogos foram especialmente afetados pelas correntes filosóficas que estavam na moda. Surgiu o assim chamado método “histórico-crítico” de interpretação da Bíblia que em muitas universidades, seminários teológicos e denominações substituiu o método “gramático-histórico” empregado pelos reformadores. Derivados do método histórico-crítico surgiram a nova hermenêutica, o estruturalismo, métodos pós-modernos como a crítica feminista, o desconstrucionismo, a crítica da resposta do leitor, a crítica psicanalítica e a crítica política. Emergiram como um desenvolvimento natural do método histórico-crítico e com a pretensão de corrigir-lhe as falhas. No entanto uma análise destes métodos demonstra que os mesmos não conseguiram superar o ceticismo e antropocentrismo do método que lhes deu origem e jamais conseguiram ver na Bíblia mais do que um livro

---

<sup>1</sup> Cf. Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1970), 63 - 92.

<sup>2</sup> Cf. Colin Mitchell, *The Case for Creationism* (Alma Park, England: Autumn House Limited, 1994). Ver especialmente o capítulo 2 “The Development of the Present World View,” 27-44.

humano que pode ser manipulado e dissecado pelos críticos sem qualquer poder de exigir-lhes obediência.

É propósito deste artigo dar aos leitores uma visão geral de alguns métodos de interpretação da Bíblia propostos pela erudição crítica<sup>3</sup>, e sugerir um método adequado para interpretar as Escrituras em harmonia com sua natureza divino-humana.

### Método Histórico-Crítico

O método histórico-crítico tem suas raízes acadêmicas mais profundas na Alemanha, espalhou-se pela Europa, chegou ao Estados Unidos, difundiu-se pelo mundo, e hoje é aceito por um considerável número de denominações cristãs.<sup>4</sup>

Os teólogos que adotam o método histórico-crítico entendem que a Bíblia deve ser interpretada como qualquer documento secular, uma vez que foi produzida por fatores puramente humanos. Eta Linneman afirma que no método histórico crítico

o conceito de Escritura Sagrada é relativizado de forma que a Bíblia não é nada mais do que um escrito religioso igual a outros escritos religiosos. Uma vez que outras religiões têm suas escrituras sagradas, não se pode assumir que a Bíblia seja singular e superior a elas. É, por isso, que a Bíblia deve ser tratada como um livro igual a qualquer outro.<sup>5</sup>

Três pressuposições fundamentam o método histórico-crítico: o princípio da **correlação** - "o mútuo inter-relacionamento entre todos os fenômenos da vida intelectual e histórica"; o princípio da **analogia** "em todo o acontecer histórico" e o princípio da **crítica** - "a dúvida metódica."<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> A pluralidade de métodos que estão à disposição do estudioso da Bíblia e a superposição entre eles tornam muito difícil qualquer descrição sistematizada dos mesmos que corre o risco de ser arbitrária e artificial. O autor do presente artigo reconhece a amplitude do tema e tem como objetivo neste ensaio apenas dar uma visão panorâmica de algumas opções hermenêuticas sem a pretensão de exaurir o assunto no espaço limitado deste artigo. Para um estudo mais aprofundado da hermenêutica com seus modelos teóricos para leitura e interpretação da Bíblia recomendamos Anthony C. Thiesselton, *New Horizons in Biblical Hermeneutics: The Theory and Practice of Transforming Biblical Reading* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992).

<sup>4</sup> Harold Lindsell, em *The Battle for The Bible* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1976), trata da influência do método histórico crítico sobre as denominações, instituições e teólogos evangélicos nos Estados Unidos. Outro estudioso que analisa o conflito entre conservadores e liberais, porém de uma perspectiva liberal, é J. Benton White, *Taking the Bible Seriously: Honest Differences About Biblical Interpretation* (Louisville, Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1993).

<sup>5</sup> Eta Linneman, *Historical Criticism of the Bible: Methodology or Ideology?* (Grand Rapids, MI: Baker Book House Company, 1990), 84-85

<sup>6</sup> Estes três princípios foram formulados por Ernst Troeltsch, *Sobre o Método Histórico e Dogmático da Teologia* (trad. Milton Schwantes) EST (polígrafo), citado por Friedrich Erich Dobberahn, "Sobre a História do Método Histórico Crítico" em *Método Histórico Crítico*, Vários autores (São Paulo: Centro Ecumênico de Documentação, 1992), 50.

De acordo com o princípio da **analogia**, qualquer fato relatado pela Bíblia só é verdadeiro se for semelhante, análogo a algum fato que ocorra no presente. Tal princípio implica em negação dos milagres narrados nas Escrituras pois os acontecimentos sobrenaturais descritos na Bíblia não se repetem ante os olhos dos críticos.

Segundo o princípio da **correlação**, qualquer acontecimento histórico tem causas dentro da história. Assim, quando a Bíblia diz que Deus interrompeu o fluxo das águas do rio Jordão para que os israelitas o atravessassem, os eruditos histórico-críticos dizem que na realidade o fato foi causado por fenômenos naturais, talvez algum desmoronamento tenha impedido o fluxo das águas.<sup>7</sup>

O princípio da **crítica** defende a dúvida metódica. O estudioso deve se aproximar da Bíblia com questionamentos a priori sobre sua veracidade e confiabilidade. No método histórico-crítico, o intérprete se coloca como senhor da Bíblia, como autoridade final para determinar a sua veracidade. A razão humana se sobrepõe à revelação divina e, com o argumento de que “o texto e seus autores são historicamente condicionados”,<sup>8</sup> despoja a Bíblia de sua dimensão sobrenatural.

Algumas subdisciplinas são utilizadas no processo de interpretação das Escrituras pelos praticantes deste método, tais como crítica das fontes, crítica da formas, crítica da tradição, crítica da redação.<sup>9</sup>

A **Crítica das fontes** busca detectar os documentos primitivos usados pelos editores para a compilação dos livros bíblicos. Um exemplo de aplicação da crítica das fontes é a “hipótese documentária”<sup>10</sup> do Pentatêuco segundo a qual os cinco primeiros livros da Bíblia teriam sido produzidos pela aglutinação de quatro diferentes documentos produzidos em épocas distintas sendo que sua composição final se deu após o exílio babilônico. Tal abordagem resulta na

<sup>7</sup> Uma abordagem popular da Bíblia de uma perspectiva histórico-crítica é a obra de Werner Keller, *E a Bíblia Tinha Razão* (São Paulo: Melhoramentos, 1986, original alemão, 1955) em que o autor procura defender a confiabilidade histórica das Escrituras em bases racionais. A travessia do Mar Vermelho é explicada pela ocorrência de ventos fortes, comuns no norte do Suez, que impeliram as águas permitindo a passagem dos israelitas a pé (p. 146). Para explicar o maná, Keller argumenta que este seria o produto de uma planta que desprende uma resina adocicada bastante comum na península do Sinai (p. 149). Em Refidim Moisés teria usado uma técnica conhecida até hoje pelos Beduínos para extrair água da rocha (p. 155). Assim a dimensão sobrenatural e miraculosa dos eventos bíblicos é excluída para que as narrativas se ajustem aos cânones do racionalismo e o Deus da Bíblia é destituído de poder para intervir diretamente na natureza.

<sup>8</sup> D. Michel, *Israels Glaube im Wandel* (Berlin: Verlag “Die Spur”, 1968), 14.

<sup>9</sup> Uma descrição e avaliação crítica destas sub-metodologias encontra-se em Gerhard Hasel, *Biblical Interpretation Today* (Washington, DC: Biblical Research Institute, 1985), 7 - 72.

<sup>10</sup> A teoria predominante no mundo acadêmico postula que o pentatêuco consiste no agrupamento de quatro fontes ou documentos assim designados: **J** é a fonte Javista caracterizada pelo uso do nome Jeová para Deus. **E** é a fonte Eloísta, pois utiliza o nome Elohim para Deus. **D** é a fonte Deuteronomista e **P** é a fonte Sacerdotal (do Alemão: **Priester**: sacerdote). Deve ser notado que nunca foi possível provar a existência destes documentos, tudo o que temos são especulações dos críticos. Para uma descrição das críticas à hipótese documentária, ver Roland Kenneth Harrison, *Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979), 33-51.

negação da autoria mosaica do pentatêuco, bem como na historicidade da maior parte de suas narrativas.

A **Crítica das formas** pressupõe uma longa tradição oral subjacente à literatura bíblica e pretende reconstruir essa fase oral. Ao ser aplicada ao Novo Testamento, busca reconstruir a fase pré-literária das narrativas dos evangelhos para determinar o que teria sido dito ou realizado por Jesus e o que teria sido criação da igreja primitiva.

A **Crítica da tradição** pressupõe que os vários temas bíblicos se desenvolveram ao longo de um extenso processo de transmissão oral no qual foram sendo modelados, modificados até serem fixados por escrito. Assim os materiais registrados na Bíblia são o produto final de uma tradição cultivada por Israel que não corresponde aos fatos históricos referidos, mas são resultado de ampliações e acréscimos a uma tradição cuja historicidade é negada ou considerada irrelevante.

A **Crítica da redação** foi originalmente concebida para a pesquisa dos evangelhos sinóticos. Busca ver cada autor como um teólogo que organizou e modificou o material de suas fontes para comunicar sua mensagem teológica. Descamba para o ceticismo ao defender que as informações biográficas e geográficas não têm base histórica pois servem apenas a interesses teológicos.<sup>11</sup>

As conseqüências de tal abordagem das escrituras se refletem na esfera doutrinária, ética e missiológica. A Bíblia é esvaziada de seu conteúdo doutrinário. A Criação passa a ser vista como um mito, e não como descrição factual das origens do mundo e do homem; o lar passa a ser apenas um acidente sociológico, e o pecado uma imperfeição que o homem traz como marca de estágios primitivos e que a própria evolução vai corrigir em épocas futuras. No método histórico-crítico não há lugar para um dilúvio universal, nem para as profecias preditivas da Bíblia. O livro de Daniel é interpretado como tendo sido escrito na época dos macabeus<sup>12</sup> e suas profecias consideradas *vaticinia ex evento*<sup>13</sup>. Como se isto não bastasse, a ressurreição de Jesus é considerada um mito inventado pelos discípulos. O esvaziamento doutrinário acaba destruindo os imperativos morais que devem reger a vida do cristão. O comportamento não é mais determinado pela Bíblia, mas por normas sócio-culturais.

Muitas denominações que adotaram o método histórico-crítico acabaram se tornando indiferentes a comportamentos condenados pelas Escrituras, como homossexualismo e lesbianismo,<sup>14</sup> a ponto de aceitar homossexuais no

---

<sup>11</sup> *Ibid.*, 69

<sup>12</sup> Para uma defesa da autenticidade histórica e profética do livro de Daniel, ver Josh McDowell, *Profecia: Fato ou Ficção* (Interlagos, SP: Editora Candeias, 1991).

<sup>13</sup> *Vaticinia ex evento* é a terminologia que os críticos liberais usam para rotular as profecias bíblicas que, segundo eles, foram escritas depois dos acontecimentos que alegam prever.

<sup>14</sup> Um estudo muito útil a respeito das implicações do método histórico-crítico na esfera das demandas éticas e morais da Bíblia encontra na obra de Samuel Koranteng-Pipim, *Receiving the Word* (Berrien Springs, MI: Berean Books, 1996). Cf. esp. pp. 105-113.

ministério.<sup>15</sup> Esvaziamento doutrinário e indiferença para com demandas morais levam à inevitável perda do senso de missão. O evangelismo torna-se supérfluo porque a doutrina do pecado é totalmente reinterpretada. Assim, não existe necessidade de arrependimento, nem de abandono do pecado, porque normas morais absolutas não existem.

As denominações que adotaram o método histórico crítico perderam o senso de missão e, progressivamente, foram se envolvendo com movimentos sócio-políticos que vêm a salvação como libertação de estruturas sociais e econômicas de opressão. Surgiram as assim chamadas teologia da libertação, teologia feminista, teologia do negro. A Bíblia se transformou em um grande “nariz de cera”, cada grupo a torce de acordo com suas conveniências, rejeitando ou aceitando aquilo que mais lhe convém.

A Igreja Católica abriu as portas para o método histórico-crítico na encíclica *Divino Afflante Spiritu*, de Pio XII, em 1943, liberando “os espíritos católicos, convidando-os a aceitar sem reticência a exegese moderna.”<sup>16</sup> Um dos mais renomados exegetas católicos da atualidade opina que “o uso do método histórico-crítico não é simplesmente uma opção e sim uma necessidade.”<sup>17</sup>

Não obstante ser largamente aceito e utilizado no mundo acadêmico este método tem sofrido sérios ataques tanto de dentro como de fora do círculo de seus praticantes.<sup>18</sup> Alguns eruditos que começaram sua vida acadêmica utilizando o método, o abandonaram posteriormente por reconhecerem sua inadequação ao objeto que pretende investigar.<sup>19</sup> Um dos mais bem articulados críticos do método histórico-crítico argumenta que “a revelação é mais do que um objeto” a ser dissecado pelos críticos pois possui uma “estrutura pessoal.”<sup>20</sup> Expressões como “Assim diz o Senhor,” “Eu porém vos digo.” evidenciam o elemento pessoal da revelação que exige “não crítica, mas obediência.”<sup>21</sup>

<sup>15</sup> Cf. C. Raymond Holmes, *A Ponta de um Iceberg* (Berrien Springs, MI: Adventists Affirm, 1995), 151.

<sup>16</sup> Pierre Gilbert, *Pequena História da Exegese Bíblica* (Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1995), 189.

<sup>17</sup> Raymond Brown, *O Significado Crítico da Bíblia* (São Paulo: Edições Loyola, 1987), 38.

<sup>18</sup> Gerhard Hasel, *Biblical Interpretation Today*, 78-94.

<sup>19</sup> Cf. Eta Linneman, *Historical Criticism of the Bible: Methodology or Ideology?* (Grand Rapids, MI: Baker Book House Company, 1990). Linneman foi educada dentro do método histórico crítico pelos mais proeminentes eruditos, entre os quais Rudolf Bultmann, todavia abandonou a metodologia crítica quando percebeu que a mesma despojava a Bíblia de sua relevância para a vida espiritual. Ela menciona duas razões que a levaram a questionar seu posicionamento acadêmico: “(1) Nenhuma verdade poderia emergir deste ‘trabalho científico com o texto bíblico,’ e (2) tal labor não serve para a proclamação do evangelho.” (*Op. cit.* 17). Linnemann abandonou sua carreira acadêmica dentro da teologia histórico-crítica e foi ser missionária na Indonésia. Richard Davidson descreve sua inicial simpatia e posterior renúncia ao método histórico-crítico em “The Authority of Scripture: A Personal Pilgrimage”, *Journal of the Adventist Theological Society*, 1/1 (1990), 39-56. Doravante *JATS*.

<sup>20</sup> Gerhard Maier, *Das Ende des Historisch-Kritischen Methode* (Wuppertal: Verlag Rolf Brockhaus, 1975), 12 - 18.

<sup>21</sup> *Ibid.*, 18.

Com a intenção de corrigir o método-histórico crítico surgiram outras metodologias como a nova hermenêutica, o estruturalismo, o método da teologia da libertação e os métodos pós-modernos. Todavia, todos esses métodos, na realidade, não passam de rótulos diferentes para o tradicional método histórico crítico, pois compartilham do humanismo, e do anti-supernaturalismo do método do qual se originaram.

### Método da Nova Hermenêutica

Na década de sessenta surgiu um movimento de interpretação da Bíblia que buscou enfatizar a subjetividade no processo da interpretação das Escrituras. Ernst Fuchs, Gerhard Ebeling, Hans Georg Gadamer e Eberhard Jüngel foram os pioneiros deste método denominado “nova hermenêutica.”<sup>22</sup> Uma síntese das principais afirmações do método tal como defendido por Gadamer pode ser útil para uma melhor compreensão do mesmo.<sup>23</sup>

1. O preconceito na interpretação não pode ser evitado, mas deve ser encorajado se queremos captar toda a obra e não apenas as partes. Esta pré-compreensão vem de nós mesmos e não do texto, uma vez que o texto é indeterminado em seu significado.

2. O significado de um texto sempre ultrapassa o seu significado, portanto a compreensão não é um processo reprodutivo mas uma atividade produtiva. O assunto, não o autor, é que determina o significado.

3. A explicação de uma passagem não é totalmente o resultado da perspectiva do intérprete nem totalmente a perspectiva da situação histórica original do texto. É, ao contrário, uma “fusão de horizontes.” No processo de compreensão, as duas perspectivas se fundem em uma terceira opção.

4. Significados do passado não podem ser reproduzidos no presente porque o ser do passado não pode se tornar ser no presente.

Este método nega a possibilidade de um conhecimento objetivo do texto bíblico. No encontro com o texto o intérprete deve permitir que o texto desafie suas pressuposições e preconceitos a respeito do seu significado, e neste confronto cria-se o assim chamado “evento-linguagem” onde a Palavra de Deus é ouvida de maneira renovada e com nova percepção.<sup>24</sup>

Embora a nova hermenêutica tenha um aspecto positivo na busca por superar a esterilidade de um positivismo histórico, e em seu alerta a respeito da

<sup>22</sup> A nova hermenêutica tem sua origem na neo-ortodoxia, onde revelação é entendida como um “encontro” e não como comunicação de verdades proposicionais, especialmente nas idéias de Karl Barth e Rudolf Bultmann. Cf. D. P. Fuller, “Interpretation, History of”, *International Standard Bible Encyclopedia*, Geoffrey W. Bromiley, ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1982) 2: 863 - 874.

<sup>23</sup> A descrição abaixo é uma transcrição de Walter Kaiser “The Meaning of Meaning” em Walter Kaiser e Moisés Silva, *An Introduction to Biblical Hermeneutics* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1994), 29.

<sup>24</sup> Craig Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels*, (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1987), 54.

subjetividade e preconceitos do intérprete, torna-se altamente negativa ao excluir a possibilidade de qualquer certeza por parte do intérprete de que sua interpretação esteja correta. Não existe no texto um sentido objetivo a ser recuperado, assim jamais podemos determinar a falsidade ou veracidade de uma determinada interpretação.

Craig Blomberg aponta as seguintes falhas na nova hermenêutica:<sup>25</sup> (1) Ela confunde o modo como o conhecimento é adquirido, o qual é subjetivo, com a validade do conhecimento, o qual é objetivo. (2) Assume que conhecimento incompleto implica em falso conhecimento. (3) Ela passa por alto as similaridades entre o método histórico e o método científico que permite a ambos alcançarem um grau de objetividade. (4) Usa 'subjetividade' como um termo sem sentido uma vez que, sem a existência de verdade objetiva, não existe nada a que reivindicações subjetivas possam estar sujeitas.

Assim, a nova hermenêutica, em sua tentativa por superar aspectos negativos do método histórico-crítico, descamba para um completo relativismo "confundindo os fatos com a interpretação dos mesmos."<sup>26</sup>

#### Método Estruturalista<sup>27</sup>

O método estruturalista surgiu primeiro nas ciências sociais: F. Saussure, Linguística; S. Freud, Psicanálise; Karl Marx, Filosofia; Claude Levy Strauss, Antropologia<sup>28</sup>. Posteriormente foi transportado para a exegese bíblica. É uma reação ao árido historicismo que predominava na interpretação histórico-crítica das Escrituras. No método histórico-crítico predomina uma abordagem "diacrônica" do texto: existe a preocupação de rastrear o desenvolvimento do texto estágio por estágio, e explicar as sucessivas reinterpretações à medida em que se determinava o contexto cultural e social. No estruturalismo predomina uma abordagem sincrônica, o texto é visto como um sistema no qual é mais importante perceber e explicar as relações entre as partes do que investigar o contexto histórico no qual o mesmo foi produzido.

No estruturalismo existem três princípios básicos: (1) Totalidades são explicadas em termos das relações entre as partes. A explicação do texto é buscada nas relações e estruturas de um texto. (2) A estrutura que é fundamental para a explicação é a chamada estrutura profunda encontrada "sob" a superfície do texto a qual é abstrata, mecânica e impessoal. As

<sup>25</sup> *Ibid.*, 55.

<sup>26</sup> *Ibid.*, 55

<sup>27</sup> Na elaboração desta seção usei extensamente o artigo de Vern S. Poytress, "Structuralism and Biblical Studies," *Journal of the Evangelical Theological Society*, 21/3 (September, 1978), 221-227.

<sup>28</sup> Gerhard Hasel, *Biblical Interpretation Today* (Washington, DC: Biblical Research Institute, 1985), p. 114. Mario Veloso, "Métodos científicos y críticos para el estudio de la Biblia", *Theologika* (Lima, Peru: Universidad Union Incaica), vol. 9, n<sup>o</sup> 2 (1994), 447.

estruturas profundas são os elementos universais da espécie humana. Alguns estruturalistas pretendem reduzir estas estruturas a fórmulas matemáticas. (3) No estruturalismo predomina a análise sincrônica. Os elementos de um texto são analisados em sua relação uns com os outros, e não em relação ao seu desenvolvimento através do tempo.

Ao trabalhar com o texto, o exegeta estruturalista procura penetrar no texto abaixo da superfície para detectar estas estruturas profundas e decodificá-las, pois as mesmas estão preservadas em códigos. Exemplos de abordagem estruturalista:

**1. Estruturas Paradigmáticas.** Os mitos (incluindo todas as narrativas religiosas) são produto da estrutura fundamental da mente humana; e esta estrutura envolve a reconciliação de oposições binárias: a oposição entre vida e morte, humano e não humano, familiar e estranho.<sup>29</sup> O estruturalismo “procura especialmente por personagens e temas que se oponham um ao outro e como eles são reconciliados, mantém uma visão dialética do mundo que vê toda história e narrativa como produto de conflito e tenta sintetizar posições contrárias.”<sup>30</sup>

Existe “um sistema inconsciente que está constituído por diferenças e oposições...” cuja interpretação “consiste na recuperação consciente de um fundo simbólico pré-determinado, por um intérprete que se coloca no mesmo campo semântico daquilo que ele compreende e assim entra no círculo hermenêutico.”<sup>31</sup>

São estas estruturas que expressam a verdade do texto. A historicidade da criação, da queda do homem é desconsiderada, pois o relato é mitológico e como tal expressa determinados elementos universais da mente humana, as assim chamadas estruturas paradigmáticas.

**2. Estruturas Sintagmáticas.** Esta abordagem é um pouco mais moderada do que a anterior, pois não tenta enquadrar a narrativa em um esquema universal. Tenta detectar padrões estruturais repetidos no texto para determinar sua estrutura profunda. Como exemplo podemos citar uma análise de sete histórias de milagres do Antigo Testamento (2Rs.2:19-22; 2Rs.4:38-41; Ex.15:22-27; 2Rs.6:1-7; Ex.17:1-7; 1Rs.17:17-24; 2Rs.4:1-7). Estas histórias exibem uma estrutura comum de três motifemas: (1) Uma parte em uma situação problema recorre a outra parte com poder para prover ajuda miraculosa. (2) A parte poderosa responde agindo sobre problema. (3) O resultado miraculoso que remove o problema é indicado. Estas estruturas são chamadas de sintagmáticas. Tratam da organização lógica e da retórica da história.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> Vern S. Poitress, *Op. cit.*, 225.

<sup>30</sup> Craig Blomberg, *Op. cit.*, 59

<sup>31</sup> Paul Ricoer, *Hermeneutica y Estructuralismo* (Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1975), 63.

<sup>32</sup> Exemplos tomados de R. C. Culley, *Studies in the Structure of Hebrew Narrative* (Philadelphia: Fortress, 1976), cit. por Vern S. Poitress, *Op. cit.* 225.

O estruturalismo tem um aspecto positivo que é tratar o texto tal como se encontra na Bíblia. Não busca fragmentar o texto para encontrar as supostas fontes originais, mas respeita o texto em sua forma final e canônica. Todavia seus pontos negativos nos advertem para os perigos de tal metodologia. Vejamos algumas falhas deste método: (1) O estruturalismo considera a Bíblia como mera literatura. Os elementos sobrenaturais da revelação divina são negados ou ignorados. Na Bíblia não existe revelação de verdades objetivas, mas apenas a projeção de elementos universais da mente humana. (2) Há uma desvalorização do contexto histórico no qual os textos foram produzidos. Isto contradiz a própria estrutura da revelação bíblica a qual é essencialmente histórica. (3) O estruturalismo é um método antropocêntrico derivado de pressuposições humanistas. É incompatível com as reivindicações que a própria Bíblia faz a respeito de sua natureza, função e autoridade.

### Método da Teologia da Libertação

Alguns estudiosos entendem que a Bíblia deve ser interpretada dentro da mentalidade e necessidades de seus leitores. Assim, sua interpretação é condicionada pelas circunstâncias históricas e necessidades de um determinado grupo social. Surgem, então, as várias teologias da libertação: teologia feminista, teologia do negro, teologia latino-americana. Embora seja muito complexo descrever os procedimentos hermenêuticos adotados pelos vários teólogos da libertação (na realidade eles usam uma variedade de métodos), nesta seção apresentaremos uma visão geral da abordagem da Bíblia na teologia da libertação tomando como exemplo a teologia da libertação latino-americana.

A teologia da libertação emergiu com toda sua força a partir da década de 60. Nasce com a preocupação de tornar a Bíblia relevante em uma situação de miséria e opressão em que os povos da América Latina estavam mergulhados. A realidade das massas oprimidas é a chave hermenêutica para a compreensão da Bíblia. O movimento interpretativo parte da realidade em direção às Escrituras e não o contrário, como na teologia tradicional. O marxismo é assumido explicitamente como instrumento de análise que permite compreender as causas da pobreza da América Latina e a Bíblia é interpretada no confronto com a situação sócio-econômica do pobre.

A “opção preferencial pelos pobres” é uma pressuposição básica dos teólogos da libertação. Estes intérpretes se esforçam em demonstrar que a Bíblia apresenta um Deus que toma o lado dos oprimidos e esta posição deve ser assumida pela igreja. Tal pressuposição deve nortear a interpretação da Bíblia.

Deus está presente na história de seu povo para salvá-lo. Ele é o Deus dos pobres, que não pode tolerar a opressão nem a injustiça. É, por isso, que a exegese não pode ser neutra, mas deve tomar o partido pelos pobres no seguimento de Deus, e engajar-se no combate pela libertação dos oprimidos. A participação neste combate permite,

precisamente, fazer aparecer sentidos que se descobrem somente quando os textos bíblicos são lidos em um contexto de solidariedade efetiva com os oprimidos.<sup>33</sup>

Para os exegetas da teologia da libertação o êxodo é o grande paradigma da salvação, a qual é entendida predominantemente como uma ação política. Assim se expressa Segundo Galilea: "Literalmente, o êxodo é um fato político: a libertação de Israel da opressão egípcia. Portanto, para os israelitas, uma experiência política libertadora."<sup>34</sup>

A metodologia de interpretação da Bíblia adotada pela teologia da libertação afeta, pelo menos, três áreas básicas da mensagem bíblica: o conceito de pecado, o conceito de salvação, e a escatologia. O pecado é visto de forma predominante como estrutural, não como uma perversão da natureza humana, mas como causado por estruturas de poder e opressão. Salvação passa a ser vista como libertação destas estruturas através da mudança de regime político pela ação revolucionária. Ademais, esta preocupação predominante com os problemas sociais levou os teólogos da libertação a enfatizarem "uma escatologia terrestre, muitas vezes em detrimento da dimensão escatológica transcendente da Escritura."<sup>35</sup>

A hermenêutica da teologia da libertação peca por sua seletividade e subjetividade. É seletiva ao priorizar alguns textos das Escrituras em detrimento de outros e subjetiva ao enfatizar uma hermenêutica realizada a partir da perspectiva do intérprete.<sup>36</sup> Assim a experiência do pobre torna-se a chave para a leitura da Bíblia.<sup>37</sup>

Atualmente a teologia da libertação está passando por uma crise<sup>38</sup>, uma vez que seus referenciais políticos e ideológicos sofreram profundas alterações. A derrocada do comunismo na Europa do Leste, a queda do muro de Berlim,

---

<sup>33</sup> *Interpretação da Bíblia na Igreja*, (São Paulo: Pontifícia Comissão Bíblica. Edições Loyola, 1994), 36. Cf. também Jeffrey S. Siker, "Uses of the Bible in the Theology of Gustavo Gutiérrez: Liberating Scriptures of the Poor," *Biblical Interpretation: A Journal of Contemporary Approaches* (Leiden: E.J. Brill) 4/1 (1996), 40- 71. John Goldingay, "The Hermeneutics of Liberation Theology," *Horizons in Biblical Theology: An International Dialogue* (Pittsburgh, PA: Pittsburgh Theological Seminary), vols. 4/2 e 5/1 (1982/1883), 133-161.

<sup>34</sup> Segundo Galilea. *Teologia da Libertação, Ensaio de Síntese* (São Paulo: Edições Paulinas, 1985), 55.

<sup>35</sup> *Interpretação da Bíblia na Igreja*, 37.

<sup>36</sup> J. Severino Croatto, um dos hermeneutas da teologia da libertação, entende que a leitura da Bíblia é "produção (e não repetição) de sentido" (p.16). Assim "toda leitura é produção de um discurso e, portanto, de um sentido, a partir do texto". Concordando com J. Greimas, o referido autor afirma que "a pluralidade de leituras sugeridas pela prática semiótica não se deve ao fato de que um texto seja ambíguo (sic), mas sim que é suscetível de dizer muitas coisas ao mesmo tempo" (p.23). *Hermenêutica Bíblica* (São Paulo/São Leopoldo: Edições Paulinas/Editora Sinodal, 1986).

<sup>37</sup> Jeffrey Siker, *Op. cit.*, 69.

<sup>38</sup> Uma análise da crise da teologia da libertação apresentada por dois de seus proponentes é apresentada por Hugo Assman e Rubem Alves em, "A Crise da Teologia da Libertação," *Notas, Jornal de Ciências da Religião* (São Bernardo do Campo, SP) vol. I n° 2 (s/d), 2 - 12.

com o desmascaramento da utopia marxista de uma ordem social justa removeu da teologia da libertação sua base ideológica mais fundamental.

Atualmente, alguns teólogos da libertação estão ampliando seu campo de reflexão. Um exemplo deste fato é Leonardo Boff que está elaborando uma teologia ecológica, em que a ênfase na solidariedade com o pobre está se ampliando para a comunhão com os rios, as árvores, as montanhas.<sup>39</sup> É a mentalidade pós-moderna com sua religiosidade panteísta denominada “nova era” influenciando a reflexão teológica latino-americana.<sup>40</sup>

#### Métodos Pós-Modernos<sup>41</sup>

Cresce a cada dia entre as elites intelectuais uma nova abordagem da realidade, uma cosmovisão revolucionária que pretende contrapor-se à visão tradicional do mundo, mantida pela sociedade ocidental, moldada pelo iluminismo. Tal cosmovisão é denominada de “pós-modernismo” e se caracteriza por rejeitar métodos e processos racionais até aqui utilizados para se chegar ao conhecimento e se relacionar com a realidade.

O pós-modernismo nega qualquer fundamento absoluto para organizar a realidade: não há pontos de referência para o estabelecimento da verdade, apenas verdades individuais produzidas pela experiência e circunstâncias da vida de cada indivíduo. Segundo a visão pós-moderna “não podemos aspirar nenhuma representação unificada do mundo, nem retratá-la como uma totalidade cheia de conexões e diferenciações mas como fragmentos em perpétua mudança.”<sup>42</sup> Ademais, o pós-modernismo pretende ser desmistificador buscando mostrar que os ideais são baseados em ideologias e interesses políticos ou econômicos.

Não é de surpreender que esta visão da realidade esteja impactando o campo da interpretação da Bíblia. Cresce o número de eruditos que buscam interpretar as Escrituras de uma perspectiva pós-moderna. É extremamente difícil definir as pressuposições dessa nova abordagem, pois qualquer referência a “pressuposições” ou “absolutos” é excluída a priori. Contudo, faremos abaixo uma tentativa de esboçar algumas de suas características básicas.

---

<sup>39</sup> Cf. Leonardo Boff, *Princípio-Terra, a Volta à Terra como Pátria Comum* (São Paulo: Editora Ática, 1995). Ver também Boff. “Da Libertação e Ecologia: Desdobramento de um Mesmo Paradigma” em *Teologia e Novos Paradigmas*. Márcio Fabri dos Anjos, org. (São Paulo: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. Edições Loyola, 1996), 75 - 88.

<sup>40</sup> Cf. Aldo Natale Terrin, *Nova Era: A Religiosidade do Pós-Modernismo* (São Paulo: Edições Loyola, 1996).

<sup>41</sup> Estes métodos também recebem a designação de “Pós-Estruturalismo”.

<sup>42</sup> David Harvey, *Condição Pós-Moderna* (São Paulo: Edições Loyola, 1992), 55.

Há uma total ceticismo em relação às meta-narrativas. Meta-narrativas são histórias que contamos acerca da natureza e destino da humanidade.<sup>43</sup> Aquilo que se apresenta como universal e necessário na realidade esconde motivos econômicos ou políticos. Portanto, os textos da Bíblia foram produzidos para legitimar determinados interesses ideológicos, políticos, econômicos. As palavras, os símbolos e a comunicação humana são ambíguos.<sup>44</sup> Não existe um significado único em um texto intencionado por seu autor mas uma pluralidade de sentidos que são produzidos pela experiência, interesses e abordagem do leitor e de sua comunidade,<sup>45</sup> conseqüentemente não existe texto nem autor autônomos.<sup>46</sup> Neste sistema de interpretação a própria noção de autoria não faz nenhum sentido. Adam assim se expressa a respeito: "Não temos acesso à 'intenção do autor' mas sempre, somente, à noção do intérprete do que o autor intencionou."<sup>47</sup> Outra conseqüência é que o contexto histórico é totalmente desconsiderado, pois na visão pós-modernista, é absolutamente impossível de ser recuperado; qualquer estudo histórico reflete somente a visão do estudioso e jamais pode descrever os fatos em si.

Estas características marcam vários movimentos de abordagem das Escrituras dentro do pós-modernismo, tais como crítica feminista, crítica política ou materialista, crítica psicanalítica, crítica da resposta do leitor, desconstrucionismo, etc. Para que o leitor tenha uma noção daquilo que praticam na exegese, apresentaremos uma descrição muito simplificada de cada um deles. Todavia, precisamos ter em mente que existe uma considerável sobreposição entre essas abordagens. A divisão que faremos a seguir é apenas um recurso didático.

**Crítica Feminista.** A crítica feminista não está preocupada com o texto em si, mas com a condição da mulher, esta se torna em paradigma para julgar a Bíblia. Nesta abordagem afirma-se que a mulher sempre foi oprimida pelo homem e esta opressão está refletida no texto bíblico o qual é considerado um dos muitos instrumentos produzidos pela civilização para dominar a mulher. Na interpretação feminista busca-se "desmascarar" os preconceitos contra a mulher contidos nos textos da Bíblia procurando detectar nas entrelinhas a voz da mulher suprimida pela concepção androcêntrica dos autores dos textos bíblicos.<sup>48</sup>

<sup>43</sup> A. K. M. Adam, *What is Postmodern Biblical Criticism?* (Minneapolis: Fortress Press, 1995), 16.

<sup>44</sup> *Ibid.*, 7.

<sup>45</sup> *Ibid.*, 15.

<sup>46</sup> *Ibid.*, 19.

<sup>47</sup> *Ibid.*, 20.

<sup>48</sup> Segundo Gerhard Hasel em "Biblical Authority and Feminist Interpretation." *Adventists Affirm* (Berrien Springs: Michigan) Vol.3 Nº 2: (1989) a exegese feminista usa os princípios da seletividade e da suspeita em sua abordagem das Escrituras. O princípio da seletividade indica que certas porções da Bíblia são autoritativas e outras não. Tudo depende das circunstâncias e necessidades do momento. São as normas culturais e sociais que determinam o significado e

Recentemente uma das mais influentes representantes da teologia feminista escreveu um livro intitulado (em inglês) "Jesus: Criança de Maria, profeta de Sofia [sabedoria]" no qual busca re-interpretar toda a história do movimento de Jesus elaborando uma cristologia em chave feminista.<sup>49</sup>

**Crítica Materialista ou Política.** O texto bíblico é visto como mero produto de uma conjuntura política ou econômica, produzido para justificar determinadas ideologias ou para reagir contra as mesmas. Um estudo do livro de Juízes da perspectiva política procurou mostrar que o mesmo "foi composto como uma alegoria política para apoiar a monarquia davídica."<sup>50</sup> Nesta abordagem supõe-se que a "história atua como carta patente para legitimar uma prática ou ideologia contemporânea particular."<sup>51</sup>

**Crítica Psicanalítica.** Assim como a psicanálise caracterizou-se basicamente por identificar os impulsos inconscientes da psique humana, o intérprete psicanalista busca identificar esses impulsos que o autor imprimiu (inconscientemente) no texto. Nesta abordagem o texto é visto como um "sintoma de neurose narrativa com suas repressões, deslocamentos, conflitos e desejos."<sup>52</sup> A psicologia dos personagens é analisada ou, então, o foco se volta para o tipo de efeitos psicológicos que o texto pode provocar nos leitores.<sup>53</sup>

interpretação do texto bíblico. As próprias intérpretes feministas reconhecem que "as feministas empregam cânons dentro do cânon" (Phyllis Trible, "Postscript: Jottings on the Journey," in *Feminist Interpretation of the Bible*, p. 149, cit. por Hasel, *Op. Cit.*, 13). O princípio da suspeita indica que a autoridade da Bíblia não deve ser aceita *a priori* mas deve ser posta "sob suspeita", afinal o texto pode estar refletindo princípios perigosos para as mulheres. As intérpretes feministas procuram, assim se expressa Elizabeth Schussler Fiorenza, "denunciar todos os textos e tradições que perpetuam e legitimam estruturas patriarcais opressivas na 'palavra de Deus' para o povo e comunidades contemporâneas" (Fiorenza, *Op. Cit.*, 132, citado por Hasel *Op. Cit.*, 13). Como se isto não bastasse, Rosemary Radford Ruether afirma que somente "a experiência das mulheres... pode ser usada para julgar a Escritura e as tradições teológicas" ("Feminist Interpretations: A Method of Correlating," in *Feminist Interpretation of The Bible*, 111, cit. por Hasel, *Op. cit.*, 13). Na interpretação feminista, são as experiências humanas, femininas, que devem julgar e determinar o sentido da mensagem bíblica.

<sup>49</sup> Elizabeth Schüssler Fiorenza, *Jesus: Miriam's child, Sophia's prophet: Critical issues in feminist Christology* (New York: The Continuum Publishing Company, 1995).

<sup>50</sup> Marc Brettler, "The Book of Judges: Literature as Politics," *Journal of Biblical Literature*, 108/3 (1989), 416.

<sup>51</sup> *Idem*, 417-18.

<sup>52</sup> David J. A. Clines and J. Cheryl Exum, "The New Literary Criticism" in David J. A. Clines and J. Cheryl Exum, eds. *The New Literary Criticism and the Hebrew Bible*, (Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1994), 18.

<sup>53</sup> Para um exemplo de abordagem psicanalítica com um toque estruturalista ver Günter Krinetzki, *Jacó e Nós* (São Paulo: Edições Paulinas, 1984). Krinetzki interpreta a luta de Esaú e Jacó no ventre materno como "imagens ou figuras dos dois impulsos humanos fundamentais, que Sigmund Freud chama de 'eros e impulso de morte,' e C. G. Jung, como dissemos, de 'luz e trevas'. Ambos procuram se afirmar e devem integrar-se um com o outro, para que o homem seja equilibrado e psicologicamente são. [Esta é] uma vetusta e original experiência da humanidade: o mundo é uma tensão de contrários, tanto o macrocosmo da humanidade como o microcosmo da (sic) indivíduo humano." (p. 19)

**Crítica da Resposta do Leitor.**<sup>54</sup> O sentido de um texto não é inerente ao mesmo, mas é criado pelo leitor, “é um produto da interação entre o texto e o leitor.”<sup>55</sup> Neste caso não tem sentido falar sobre o significado do texto, pois o mesmo pode ter tantos significados quantos forem os seus leitores. Nenhuma interpretação é certa ou errada a priori. Existe apenas uma limitação: uma comunidade ou grupo de pessoas pode aceitar uma determinada interpretação em detrimento de outra(s). Assim, a comunidade se torna o único critério que impede a proliferação absurda de interpretações.

**Deconstrucionismo.** É o “movimento mais bizarro do mundo literário nos últimos anos.”<sup>56</sup> Proposto pelo filósofo francês Jacques Derrida, um defensor das idéias de Nietzsche, o deconstrucionismo é definido por T. K. Seung como “o processo de gerar sentidos conflitantes do mesmo texto, e jogar tais significados uns contra os outros.”<sup>57</sup> Clines e Exum o definem como “um empreendimento que expõe a inadequação dos textos, e mostra como inexoravelmente eles se autodestroem.”<sup>58</sup>

É propósito do deconstrucionismo inverter o texto, destacando os elementos periféricos que foram ‘suprimidos’ por razões ideológicas. O deconstrucionista busca detectar aquilo que está supostamente implícito na narrativa para fazer disso o elemento fundamental de sua interpretação. Um exemplo dessa abordagem é uma interpretação da narrativa do Éden publicada recentemente. O autor diz que a queda do homem narrada em Gênesis 3 já estava implícita em Gênesis 2. A descrição de um mundo ideal e sem pecado do capítulo 2 contém “alguma partícula da existência caída”<sup>59</sup> que pode ser detectada na deconstrução do texto. O autor do referido artigo menciona a “presença/ausência” do criador, o uso do advérbio hebraico *terem* traduzido por “ainda não”, como elementos negativos do texto que desencadeiam a queda relatada no capítulo 3.<sup>60</sup> Assim, a intenção do autor bíblico de pintar um quadro ideal do mundo pré-lapsariano é traída pelos elementos negativos que ele não consegue suprimir de seu relato. Outro estudioso ao abordar a formação do cânon da Bíblia de uma perspectiva deconstrucionista afirmou que “a formação do cânon bíblico é mais um assunto de poder político e social do que de ‘inspiração divina’ ou ‘qualidade estética.’”<sup>61</sup>

<sup>54</sup> Em inglês ‘Reader-Response Criticism’.

<sup>55</sup> James L. Resseguie, “Reader-Response Criticism and the Synoptic Gospels”, *JAAR* 52 (1984), p. 322. Cit. por Craig Blomberg, *Op. cit.*, 63.

<sup>56</sup> Craig Blomberg, *Op. cit.*, 62.

<sup>57</sup> *Ibid.*, 62.

<sup>58</sup> David A. J. Clines and Cheryl Exum, *Op. cit.*, 19.

<sup>59</sup> David Rutledge, “Faithful Reading: Poststructuralism and the Sacred”, *Biblical Interepretation: A Journal of Contemporary Approaches* (Leiden: E. J. Brill, 4/3, 1996), 279

<sup>60</sup> *Ibid.*, 279.

<sup>61</sup> Kim I. Parker, “Speech, Writing and Power: Deconstructing the Biblical Canon”, *Journal for the Study of the Old Testament* (England: Sheffield Academic Press, Issue 69, 1996), 91. Um

Assim a exegese deconstrucionista se propõe a expor e destacar estas 'contradições' analisando o texto puramente como literatura. A intenção do autor bíblico, as reivindicações de historicidade contidas no texto são irrelevantes para o deconstrucionismo em sua obsessão por interpretar a Bíblia como uma literatura igual a qualquer outra.

### Conclusão Preliminar

Nos métodos de interpretação discutidos acima emergem alguns pontos em comum: (1) A autoridade do intérprete está acima da autoridade da Bíblia. (2) A interpretação da Bíblia é determinada pela situação social ou pressuposições filosóficas do intérprete. (3) A Bíblia é considerada mero produto da cultura humana. (4) Busca-se interpretar as Escrituras com pressuposições filosóficas e metodologias incompatíveis com a natureza da própria Bíblia, ou parafraseando Gerhard Maier: os métodos são incompatíveis com seu objeto de estudo.<sup>62</sup>

No método histórico crítico a razão humana é um elemento básico para determinar o que é historicamente veraz no texto; na nova hermenêutica e no estruturalismo os elementos históricos tendem a ser subestimados e o texto, considerado como mero produto de forças humanas, passa a ser absoluto. Nos métodos pós-modernos nem mesmo o texto é absoluto, tudo é provisório e qualquer interpretação pode ser válida levando a um relativismo que chega ao ponto do absurdo. Conseqüentemente a Bíblia é despojada de suas reivindicações de autoridade e o ser humano, sem o absoluto da revelação, não pode mais ter certeza de onde vem nem para onde vai. Russell P. Shedd avaliou muito bem a situação ao afirmar que o

individualismo e subjetivismo nos moldes da hermenêutica moderna explicam a erosão da autoridade bíblica nos círculos mais progressistas do Primeiro Mundo. A Igreja Católica não sente profundamente a ameaça da Bíblia em oposição à tradição. Em contraste com os tempos anteriores ao Concílio Vaticano II, em que a leitura da Palavra de Deus criava um desconforto perigoso para a hierarquia romana, hoje se promove a distribuição e leitura da Bíblia. A explicação é simples. A Bíblia tem várias mensagens: Teologia da Libertação, teologias conservadora, tradicionalista e carismática, dependendo da interpretação que os leitores modernos queiram lhe dar. A Bíblia, que faria a Igreja voltar às suas raízes do primeiro século, não será temida enquanto não existir uma convicção total do significado e veracidade de sua mensagem.<sup>63</sup>

Aqui emerge uma questão de fundamental importância: Que método de interpretação deve ser empregado para compreendermos a Bíblia? Através

---

excepcional estudo defendendo a relação do cânon com a inspiração é o artigo de Gerhard Hasel, "Divine Inspiration and the Canon of the Bible", *JATS* 5/1 (1994), 68 - 105.

<sup>62</sup> "Diese Methode also dem Gegenstand nicht angemessen ist, ja dessen offenbarer Tendenz widerstreitet, müssen wir sie ablehnen." Gerhard Maier, *Das Ende der Historische-Kritischen Methode* (Wuppertal: Verlag R. Brockhaus, 3. Auflage, 1975), 20.

<sup>63</sup> Russell P. Shedd, "Hermenêutica Bíblica." *Vox Scripturae*, vol. 1, nº 2, Setembro (1991), 9

de que lentes interpretativas devemos lê-la? Que pressuposições devem fundamentar uma hermenêutica da Palavra de Deus? Cremos que nenhum dos métodos acima faz justiça às reivindicações da própria Bíblia de ser a Palavra inspirada de Deus, nenhum deles dá atenção suficiente às reivindicações das Escrituras de serem mensagem de Deus em palavras humanas. Os métodos até aqui abordados são incompatíveis com o objeto a que se propõem investigar, pois não levam a sério as reivindicações da própria Bíblia a respeito de sua singularidade, e se fundamentam em pressuposições que não se coadunam com a natureza da revelação. Pois como bem afirmou Mario Veloso:

Qualquer categoria de estudo da Bíblia que olvide seu propósito salvífico perde o próprio conteúdo das Escrituras e nunca será uma maneira de trazer a pessoa humana para mais perto de Deus, e nem sequer produzirá uma melhor compreensão entre os seres humanos. Uma abordagem das Escrituras como a palavra de homem, perde tudo, inclusive a humanidade.<sup>64</sup>

Por isso, temos que adotar um método cujas pressuposições sejam derivadas da própria Bíblia e cujos procedimentos interpretativos possibilitem ao pesquisador compreender e aceitar sua mensagem.<sup>65</sup> Há um método de interpretação que deriva seus cânones das próprias Escrituras: é o chamado método gramático-histórico<sup>66</sup> cujas pressuposições e metodologia veremos a seguir.

#### Método Gramático-Histórico

O método gramático-histórico foi defendido por Calvino, Melâncton, Zwinglio e outros,<sup>67</sup> em oposição ao método alegórico de alguns Pais da Igreja e também contra o sistema católico-romano que colocava a tradição da igreja como autoridade ao lado da Bíblia. Assim, podemos dizer que este método surge da convicção de que unicamente a Bíblia é autoridade em assunto de fé e prática.

Apresentaremos agora os princípios teóricos e metodológicos do método gramático-histórico na forma de um “decálogo hermenêutico,” tal como sugerido

---

<sup>64</sup> Mario Veloso, “Métodos científicos y críticos para el estudio de la Biblia,” *Theologika*, vol. IX, n.º 2 (1994), 444-45

<sup>65</sup> Gerhard Maier, ao expor a necessidade de uma hermenêutica especial para a interpretação das Escrituras, apresenta os seguintes argumentos: (1) A Bíblia é o objeto mais incomum e singular que existe. (2) Os autores bíblicos recuam para a sombra e apontam para além de si mesmos, para Deus. (3) A Bíblia estabelece uma relação singular entre Deus e intérprete. (4) Existem dificuldades insolúveis nas quais o intérprete pode cair. *Biblical Hermeneutics* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1994), 21-26.

<sup>66</sup> Esta nomenclatura é usada desde um tratado em latim por Karl A. G. Keil sobre interpretação histórica (1788) e um livro texto em alemão pelo mesmo autor (1810). A informação é de Walter C. Kaiser Jr., *Toward an Exegetical Theology: Biblical Exegesis for Preaching and Teaching* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1994 [1981]), 87.

<sup>67</sup> Gerhard Hasel, *Biblical Interpretation Today*, 4.

por Richard M. Davidson.<sup>68</sup> Os quatro primeiros se constituem nas pressuposições e os seis últimos se referem à metodologia propriamente dita.

**1. A Bíblia e somente a Bíblia.** Este foi o “grito de batalha da Reforma”<sup>69</sup> do século XVI. Davidson argumenta que este princípio não foi inventado pelos reformadores, mas se sustenta bíblicamente em Isaías 8:20: “à Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.” Devemos enfatizar que neste versículo “lei” é *torah*, palavra hebraica que significa instrução, e é um termo fortemente carregado de uma noção de “autoridade.”<sup>70</sup> A princípio aplicado aos cinco livros de Moisés (o Pentatêuco), posteriormente vai tendo seu significado dilatado para expressar o “corpo completo da Revelação divina concebida como um todo unitário.”<sup>71</sup> Segundo Warfield, a frase “está escrito na vossa lei” (Jo.10:34; 15:25; Rom.3:19; 1 Cor.14:21) tem o sentido preciso de “Está estabelecido em suas Escrituras autoritativas, cujo conteúdo completo é ‘lei’ isto é, instrução divina.”<sup>72</sup> Dois corolários são derivados deste princípio: “a primazia” e a “suficiência” da Escritura.<sup>73</sup> Portanto, toda e qualquer doutrina, procedimentos e atitudes devem ser avaliados pela Bíblia e somente pela Bíblia.

**2. A Totalidade da Escritura.** O *locus classicus* deste princípio é 2 Timóteo 3:16-17: “Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir na justiça; a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente preparado para toda boa obra” (grifo suprido). As primeiras palavras deste verso têm sido debatidas por alguns estudiosos. “Toda Escritura é divinamente inspirada” (em grego: *pasa graphe theopneustos*). Alguns entendem “Toda Escritura” no sentido distributivo de “cada escritura”, isto é, cada passagem individual da Escritura é divinamente inspirada. Esta maneira de entender o texto quebra a visão das Escrituras como um todo organicamente relacionado. Por outro lado se entendermos o texto em sentido não distributivo, então *passa graphe* se refere a totalidade das Escrituras e não a passagens individuais. Gerhard Hasel a quem devemos uma compreensão mais ampla deste assunto menciona que o gramático da língua grega C. F. D. Moule sustenta um sentido não distributivo para esta passagem. Isto é, “o todo

<sup>68</sup> Nesta seção sigo a Richard M. Davidson (“Interpreting Scripture: An Hermeneutical Decalogue,” *JATS*, 4/2 [1993], 95-114) no esboço do método. Todavia, em alguns pontos modifiquei substancialmente o material referido.

<sup>69</sup> Richard M. Davidson, *JATS* 4/2 (1993), 97.

<sup>70</sup> Benjamin Breckinridge Warfield, *The Inspiration and Authority of the Bible* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1967), 99.

<sup>71</sup> *Ibid.*, 100.

<sup>72</sup> *Ibid.*, 101.

<sup>73</sup> Richard M. Davidson, *JATS* 4/2 (1993), 97.

da Escritura é inspirado.”<sup>74</sup> Hasel conclui sua análise desta expressão afirmando que é

muito alta a probabilidade de que Paulo esteja usando *pasa graphe* (sic) em um sentido coletivo de “Toda Escritura” porque este é o uso normal do termo no NT e nas cartas de Paulo. A idéia de que haja uma passagem da Escritura que não seja inspirada por Deus não é o ponto de vista de Paulo ou de qualquer outro escritor bíblico. A Escritura não é o resultado do impulso humano, da razão, da mera investigação humana ou algo semelhante, mas de ser soprada [inspirada] por Deus: *theopneustos*.<sup>75</sup>

Do princípio da “totalidade da Escritura” Davidson infere dois corolários. A Bíblia não apenas contém a Palavra de Deus mas é a Palavra de Deus. O segundo é que, assim como Cristo, a Palavra encarnada de Deus era plenamente Deus e plenamente homem, temos, portanto, nas Escrituras “uma inseparável união do humano com o divino. Assim como a humanidade de Jesus era sem pecado, as Escrituras são inteiramente confiáveis.”<sup>76</sup>

**3. A Analogia da Escritura.** Este princípio se fundamenta no fato de que toda a Escritura foi inspirada pelo mesmo Espírito. Portanto existe uma unidade de ensinamentos e propósitos que percorre toda a Escritura (Mat.5:17; Jo.5:39; Rom.3:10-18). Davidson subdivide este princípio em três aspectos principais. (1) A Escritura é seu próprio intérprete. Uma passagem da Escritura de difícil compreensão deve ser esclarecida por outra que seja mais clara. (2) A consistência da Escritura. Isto significa que não existem contradições na Escritura. Uma passagem não pode ser usada para contradizer outra. Embora existam diferentes enfoques e perspectivas distintas, a variedade contribui para o enriquecimento do todo. (3) A clareza da Escritura. O sentido da Escritura é claro quando investigado de forma adequada e diligente. A Bíblia deve ser interpretada literalmente a menos que uma figura de linguagem ou simbolismo esteja sendo empregado. Davidson sustenta que cada passagem tem uma única intenção e não uma multiplicidade de significados.<sup>77</sup> Embora alguns autores bíblicos não tenham entendido plenamente tudo o que escreveram (1 Pe.1:10-12) revelações posteriores esclareceram passagens anteriormente obscuras.

**4. Discernimento Espiritual.** Uma compreensão adequada das Escrituras exige uma atitude e relação adequadas do intérprete com o originador da revelação. Em 1 Coríntios 2:11, 14 Paulo afirma: “Pois qual dos homens sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, pois lhe parecem loucura, e não

<sup>74</sup> C.F.D.Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek* (2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1960), 95. Cit. por G. Hasel, “Divine Inspiration and the Canon of the Bible,” *JATS* 5/1 (1994), 89.

<sup>75</sup> Gerhard Hasel, “Divine Inspiration and the Canon of the Bible,” *JATS* 5/1 (1994), 89.

<sup>76</sup> Richard Davidson, *JATS* 4/2 (1993), 99.

<sup>77</sup> Richard M. Davidson, *JATS* 4/2 (1993), 100.

pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” O Profeta Isaías declara: “Não fez a minha mão todas estas coisas, e assim vieram a existir? diz o Senhor. É para este que olharei: para o humilde e contrito de espírito, e que *treme da minha palavra*” (Isa. 66:2, grifo suprido).

Essas declarações deixam claro que a Bíblia não pode ser estudada como qualquer outro livro, mas requer o auxílio indispensável do Espírito que a produziu a par com uma atitude de submissão e humildade da parte do intérprete. Este deve acercar-se da Bíblia consciente de sua dimensão sobrenatural a qual não pode ser apreendida por instrumentos racionais e científicos. Somente uma atitude de fé que remova o ceticismo e a dúvida pode dar ao intérprete uma compreensão correta do verdadeiro sentido das Escrituras porque “sem fé é impossível agradar a Deus” (Heb. 11:6).

**5. Texto e Tradução.** A Bíblia chegou até nós através de um longo processo histórico no qual seres humanos estiveram envolvidos na cópia e preservação dos manuscritos. No processo interpretativo é necessário escolher o texto mais confiável à luz dos cânones da crítica textual. Existem várias famílias de manuscritos que muitas vezes diferem entre si quanto a detalhes, mas que devem ser avaliados para que se possa determinar o texto que mais se aproxima do original.<sup>78</sup> O intérprete deve começar realizando sua própria tradução do original hebraico, aramaico ou grego.<sup>79</sup> Os que não são versados nas línguas originais devem selecionar uma boa tradução, de preferência aquelas que são mais fiéis ao texto original como a Bíblia de Jerusalém, por exemplo. As versões em linguagem contemporânea e as paráfrases não são as melhores pois, por serem mais interpretativas, refletem mais exageradamente as posições teológicas dos tradutores.<sup>80</sup>

**6. Contexto Histórico/Questões Introdutórias.**<sup>81</sup> Ao acercar-se de uma passagem o intérprete deve buscar respostas às seguintes perguntas: Quem é o autor da passagem? Quando escreveu? Que circunstâncias em sua vida pessoal ou de seu povo o levaram a escrever? Qual era a condição do povo de Israel ou da igreja primitiva no tempo em que o texto em estudo foi escrito? Que objetivos o autor bíblico pretendia alcançar ao escrever a passagem em estudo? Respostas

<sup>78</sup> Para uma visão geral do texto do Antigo Testamento ver Ernst Würthwein, *The Text of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988, 2nd. Ed.). Para o Novo Testamento ver Wilson Paroschi, *Crítica Textual do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1993) e B. P. Bitencourt, *O Novo Testamento: Metodologia da Pesquisa Textual* (Rio de Janeiro: JUERP, 1993, 3ª ed.)

<sup>79</sup> Ver John Beekman e John Callow, *A Arte de Interpretar e Comunicar a Palavra Escrita - Técnicas de Tradução da Bíblia* (São Paulo: Vida Nova, 1992).

<sup>80</sup> Para um estudo mais minucioso a respeito das várias traduções da Bíblia ver Elizabeth Muriel Ekdahl, *Versões da Bíblia: Por que Tantas Diferenças?* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1993). Ver também B. P. Bitencourt, *O Novo Testamento: Metodologia da Pesquisa Textual* (Rio de Janeiro: Juerp, 1993, 3ª ed. rev. at. amp.), pp. 157-195.

<sup>81</sup> Uma excelente introdução ao Antigo Testamento é a obra de Gleason L. Archer, Jr., *Merece Confiança o Antigo Testamento?* (São Paulo: Vida Nova, 1991 [1974]). Para o Novo Testamento ver D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1997).

a estas perguntas vão dar ao intérprete uma compreensão da intenção do autor bíblico e criar condições para aplicar o texto à situação do crente/da igreja hoje.

**7. Contexto e Análise Literária.** É importante situar a passagem no contexto do livro verificando o que vem antes e depois da mesma. Conhecer a estrutura literária ou esboço do livro é muito importante para este passo. Exemplificaremos isto tomando como exemplo básico o livro de Gênesis. O primeiro livro da Bíblia se divide em duas partes: 1 - 11 história primeva e 12 - 50 história patriarcal. Portanto, se quisermos interpretar corretamente o relato do dilúvio devemos conhecer esta divisão. Vemos, então, que o relato do dilúvio está na primeira seção que trata de temas universais como a criação do mundo, a queda da humanidade. Assim, o fato de a narrativa do dilúvio estar na primeira seção do livro indica, no nível contextual, a sua universalidade.<sup>82</sup>

Além do esboço ou estrutura literária é importante que o intérprete determine o gênero literário a que pertence a passagem investigada. É prosa ou poesia? É uma parábola ou uma crônica histórica? É profecia clássica ou apocalíptica? Estas informações são fundamentais para uma interpretação correta do texto.<sup>83</sup>

**8. Análise Gramatical, Sintática e Semântica.**<sup>84</sup> Este passo tem que ver com a correta compreensão da função, organização e significado das palavras, frases e orações do texto. Normalmente uma leitura cuidadosa é suficiente para dar uma compreensão do significado sintático-gramatical. Deve ser observada a função da palavra na oração, sujeito, objeto, etc. No caso dos verbos é importante determinar o tempo ou aspecto, a voz, a raiz, etc., especialmente se o intérprete estiver trabalhando com o texto na língua original. Algumas palavras exigem uma análise mais cuidadosa em virtude comunicarem conceitos estranhos a mentalidade e cultura ocidentais. Qualquer estudo sobre o conceito de justiça ou justificação em um texto bíblico deverá considerar com muita atenção as palavras normalmente traduzidas por justiça como *tsedeq*, *tsedaqah* (AT) e palavras da raiz *dikê* (NT).<sup>85</sup>

**9. Análise do Contexto Teológico.**<sup>86</sup> Após ter dado os passos anteriores o intérprete deve procurar determinar o significado teológico da passagem, isto é, o que o texto ensina a respeito de Deus, da salvação, do pecado, da lei, da graça. O

---

<sup>82</sup> Cf. Randall W. Younker, "Numbers, Genealogies and Dates" in Frank Holbrook and Leo van Dolson (eds.) *Issues in Revelation and Inspiration* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1992), 188.

<sup>83</sup> Cf. Gordon D. Fee e Douglas Stuart, *Entendes O Que Lês?* (São Paulo: Vida Nova, 1984).

<sup>84</sup> Na realização deste passo é bom ter em mente as advertências de D. A. Carson, *A Exegese e Suas Falácias* (São Paulo: Vida Nova, 1992).

<sup>85</sup> Os dicionários teológicos são muito úteis neste tipo de análise. Em português existe o *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* publicado por Edições Vida Nova, São Paulo, 1983 (4 vols).

<sup>86</sup> A obra de Walter Kaiser é muito importante para uma visão geral da mensagem teológica do AT a qual, segundo ele, tem na "promessa" seu grande centro unificador. *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1980). Para a teologia do NT uma boa referência é George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento* (Rio de Janeiro: Juerp, 1985). Ladd não trabalha com um centro, como Kaiser, mas com uma pluralidade de temas organizados em ordem canônica.

que o texto ensina a respeito do caráter de Deus, da natureza e da condição do homem, etc. É importante comparar a passagem em estudo com passagens compostas anteriormente para identificar que aspectos da verdade ela desenvolve e amplia no curso da revelação. Uma comparação com passagens posteriores mostrará qual a contribuição do texto para a revelação futura. Assim texto deve ser visto sobre o pano de fundo da revelação completa contida em toda a Bíblia.

**10. Aplicação Prática.** Todo o labor hermenêutico deve culminar na aplicação prática da mensagem do texto à vida do indivíduo ou da comunidade crente. Sem este passo indispensável todos os procedimentos anteriores não passam de exercício intelectual sem qualquer relevância para o crescimento moral e espiritual do intérprete e de sua audiência. Na elaboração da aplicação prática o intérprete deve esclarecer três áreas vitais: a natureza e as possíveis áreas de aplicação, identificar a audiência da aplicação, e estabelecer o foco temporal e o limite da aplicação.<sup>87</sup>

É importante, em primeiro lugar, determinar se a passagem é informativa ou diretiva, se intenciona declarar algo e fortalecer a fé, ou se visa mover à ação. Uma compreensão clara destes aspectos contribuirá para uma aplicação mais específica. Em segundo lugar, é necessário estabelecer a audiência da aplicação. A passagem se aplica a indivíduos ou a uma comunidade? Refere-se aos cristãos ou aos não cristãos? A pais ou a filhos? Aos líderes ou ao povo em geral? Respostas claras a estas perguntas resultam em uma aplicação que realmente atinge as necessidades da audiência. Finalmente, ao estabelecer o foco temporal e o limite da aplicação, o intérprete deverá esclarecer se a passagem estimula a fé aludindo a um evento passado, ou se estimula a fé e a esperança para o futuro através de uma promessa.<sup>88</sup>

### Conclusão

Uma variedade de métodos estão à disposição do estudioso moderno da Bíblia. O método histórico-crítico, com sua abordagem naturalista da revelação destitui a Bíblia de sua dimensão sobrenatural ao reinterpretar as narrativas de milagres sob a ótica racionalista. Na nova hermenêutica e no estruturalismo busca-se uma alternativa ao árido historicismo do método histórico crítico ao focalizar a experiência do intérprete no encontro com o texto e as qualidades absolutas do texto em suas estruturas profundas. Todavia a nova hermenêutica e o estruturalismo não conseguem ir além do humanismo e do antropocentrismo do método histórico-crítico. O método da teologia da libertação falha por ser subjetivo e seletivo na interpretação e no uso da Bíblia respectivamente.

<sup>87</sup> Douglas Stuart, *Old Testament Exegesis* (Philadelphia: Westminster Press, 1984, 2nd.ed.), 83-84.

<sup>88</sup> Em português há bons livros de hermenêutica publicados por editoras evangélicas: Henry A. Virkler, *Hermenêutica - Princípios e Processos de Interpretação Bíblica* (Miami: Editora Vida, 1987). Roy B. Zuck, *A Interpretação Bíblica* (São Paulo: Vida Nova, 1994). Gordon D. Fee e Douglas Stuart, *Entendes O Que Lês?* (São Paulo: Vida Nova, 1984).

Além destas opções, florescem no mundo acadêmico abordagens pós-modernas como a crítica feminista, crítica materialista ou política, crítica da resposta do leitor, crítica psicanalítica e desconstrucionismo. Nos métodos pós-modernos percebemos uma ruptura com os paradigmas hermenêuticos do passado e uma abordagem destrutiva, pretensamente desmistificadora, das Escrituras, chegando a beira da irracionalidade.

Alguns elementos básicos são comuns a todos esses métodos: antropocentrismo, humanismo e anti-sobrenaturalismo. A reivindicação da Bíblia de ser Palavra de Deus é desconsiderada para ser manipulada como mero produto da cultura humana. Nestes métodos não existe lugar para uma palavra normativa de Deus ao homem através das Escrituras. Por isso, reconhecemos que, embora possam ser úteis para outros tipos de literatura, nenhum deles é adequado ao estudo da Bíblia, pois esta, por sua natureza e reivindicações, é incompatível com a hermenêutica secular.

A opção metodológica aos que têm uma visão elevada das Escrituras é o método gramático-histórico que deriva suas pressuposições da própria Bíblia e procura interpretá-la em harmonia com sua natureza divino-humana e sua reivindicação de ser a inspirada Palavra de Deus.